

23126



Gaiato

5 DE SETEMBRO DE 1970
ANO XXVII — N.º 691 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Malanje

É um encantamento luminoso, este de escrever à luz... que, finalmente, alumia o nosso Culamuxito. Desde domingo à noite. Podia ter sido antes, mas, não me pareceu bem pedir à Câmara enquanto não montaram os novos motores. Os rapazes sentem-se bem. Há mais

alegria e música. Foi uma grande graça e ajuda do Senhor.

SEGUE NA PÁGINA TRÊS



Em nossas Casas é assim!

Também a Casa do Gaiato atravessa uma crise de crescimento. São os rapazes mais velhos procurando um rumo que querem seguir sôzinhos, não aceitando ajuda nem orientação e se fecham em atitudes, por vezes, duras e impertinentes, que temos de compreender, mas ao mesmo tempo estimular para o bom caminho.

É a fermentação diversa de iniciativas para nos ajudar, mas nem sempre por meios ajustados à nossa medida.

São as instalações acanhadas para o número de rapazes que já temos, a toda a hora forçadas por pedido de mais um. Esteve aqui há pouco, na minha frente, uma mulher com um sobrinho. O pai morreu, a mãe é doente mental, e é ela quem lhe dá o pão, mas com relutância. Nesta altura do ano os internatos da Assistência ou de Missão preencheram as vagas. Ninguém o aceita. Em duas semanas foram mais de seis os casos que nos procuraram. Fui chamado há tempos ao Tribunal de Menores para estudarmos a possibilidade de cooperação, pois, nesta Província tão grande, não há um

Lourenço Marques

único Abrigo da Tutoria de Menores e os delinquentes ou em perigo moral continuam na rua.

Eu tenho verdadeira pena que os grandes estejam tão absorvidos pelos problemas da gente grande, que não se debruçam a sério e com largueza, sobre os da pequena, esperança e certeza do Moçambique de amanhã. É razoável que, entre todos, os abandonados precisam mais, primeiro porque são crianças também, e depois porque a estrutura basilar da sociedade — a família — faliu para eles. Seria um egoísmo cego e contraproducente querer contentar com uma còdea aqueles que nada têm. Também eles têm o direito a realizar-se como homens, com um mínimo de conforto e segurança; e não podemos, com a nossa indiferença actual, relegá-los para o sub-mundo dos inúteis, imbecis e indesejáveis do amanhã. Há que proporcionar-lhes ambiente novo e sadio e meios,

mesmo que onerosos, proporcionais às suas carências. Sempre será mais barato, como disse Pai Américo, prevenir crimes do que suportar criminosos.

Padre José Maria

Continua na TERCEIRA página

Presença da Igreja

Ainda a XII Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola e as notícias que dela chegam, nos sugerem mais esta presença.

Nunca a Igreja foi estranha, ou tal se julgou, a respeito dos problemas que a pobreza gera; nem se dispensou de tentar-lhes solução em Obras que respondessem às necessidades dos Pobres.

O que não podemos perder de vista é que a Igreja dos Santos é uma Igreja de pecadores. Os seus membros, excluindo os carismados (sempre raros por muito que hoje se pretenda a sua generalização) não avultam da banalidade e não se livram do influxo das ideias-moda que mentalizam (ou desmentalizam...) cada época.

Se há instituição não teórica, essa é a Igreja, a Igreja de Cristo e do Seu Evangelho, do qual tem alimentado a sua pureza de vida ao longo dos séculos. Jesus doutrinou a partir da vida, servindo-Se da vida como meio pedagógico.

Sempre que os homens pertencentes à Igreja se gastaram a teorizar longe da vida e do Evangelho sem glosa; na medida em que influíram — irradiaram estruturas mentais capazes de justificar muito acomodatismo, muita inércia. Por isso são irrecusáveis páginas da História marcadas por compromissos pouco dignificantes. Mas há que não confundir a Igreja com os seus membros (com os quais algo se identifica, mas não totalmente); nem fixá-la num determinado momento histórico como se esse fosse representativo de toda a sua História.

Tribuna de Coimbra

Todos os anos costumamos dar um prémio aos nossos vendedores de «O Gaiato». É uma pequenina compensação pelo seu esforço e dedicação. Geralmente é um passeio a uma das nossas Casas do Gaiato ou a qualquer lugar de mais turismo.

Este ano fomos muito pertinho. Levámos o merendeiro e dirigimo-nos à Senhora da Piedade da Lousã. Os homens aproveitaram ali o que Deus fez de belo na natureza e tornaram aquele recanto chefo de encantos. Cada pedra, cada árvore, cada canto, cada poça, cada planta, cada flor, são manifestações espirituais de beleza. O pequenino caudal do rio, aproveitado em ampla piscina rodeada de esplanada e o velho moinho transformado em restaurante, com as mesas a servir de mesa e de decoração, dão ao conjunto um ambiente familiar em permanente festa. A visão da noite perdemos; os nossos sentidos voam e pairam no Presépio; as ermidas iluminadas; a cascata resplandecente de luz; o castelo, embora pequenino, a dominar a entrada; a grande encosta verdejante da serra toda banhada de luz; um grande projectador a mostrar uma albufeira prateada.

Foi neste ambiente que saboreámos o nosso merendeiro e passámos parte daquele dia. Não faltou a escalada à serra, o perder-se do Trino, o banho longo na piscina fria e um cafèzinho quente

Cont. na 4.ª pág.



O EDIFÍCIO DAS ESCOLAS DA NOSSA CASA DE LOURENÇO MARQUES

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Aconteceu no dia 22 último. Ainda não eram 10,30h., já a nossa «Austin» entrava na Quinta, depois de businar uma, duas ou três vezes, alertando tudo e todos; parecendo querer marcar com caracteres indeléveis a concretização de um sonho há muito idealizado.

— Eram os Pobres da Conferência do Lar do Porto que vinham passar o dia à nossa Aldeia.

Às 11 horas, houve a celebração do Sto. Sacrifício da Missa, pelo Sr. Padre Carlos, à qual se seguiu um almoço na típica casa da Mata. Foram 7 ou 8 famílias, constituindo um elenco de cerca de 35 pessoas, que nos fizeram passar momentos de bom entendimento e inesquecível fraternidade, momentos esses que foram demasiadamente curtos para patentear tão bons sentimentos.

Ainda não eram 17 h., mas já todos estavam dentro da carrinha, podendo-se ouvir agora o motor roncar gravemente para depois arrancar e desaparecer súbitamente por detrás do portão principal. Os últimos instantes foram bem sinónimo da graça como tudo decorreria.

Através dos vidros levemente empoeirados, pôde-se decifrar o adeus franco e o sorriso aberto de quantos aí dentro se encontravam.

Enfim, foi um dia que se passou maravilhosamente e que difficilmente será capaz de se apagar da memória de quantos o viveram.

Alcino Américo Fernandes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Quando a justiça não opera logo — na altura própria — por incúria dos homens ou das instituições, arrasta, naturalmente, um corolário de lágrimas, aflições, espinhos — angústia!

Há dias, veio até nós uma mulher que — durante muitos anos — fora ajudada pela nossa Conferência. Os filhos cresceram. Promoveram-se. Emanciparam-se. Agora...

Conversámos. E, enquanto desbobinava o motivo do encontro, corria em nossa mente o filme da negra fome que passara dantes, mais os seus...!

Agora, tem um filho em Moçambique. Outro, quase com o pé no estribo. Aquele e este são as colu-

nas do agregado. O marido é um incapacitado. E ela sofre de tuberculose! Males daquele tempo?...

Ouvimos a queixa de uma e de outro:

— Em Janeiro mandámos ao meu filho — para Moçambique — a papelada para recebermos a pensão...

— Pensão ou subvenção?!

— É subvenção! Uns papéis enormes! Atestado da Junta... Muita papelada para ele assinar e entregar. Uns papéis enormes!...

Dobramos as lágrimas, com a aflicção que geraram os papeis. Ora se não!

— Mas até hoje não recebemos resposta, acrescenta o homem. Não recebemos nada! E temos direito. Olhe «q'outros» têm dado mais voltas e só depois é «q'arrecebem».

— O seu filho entregou tudo em tempo e ordem?, frizámos por mor da verdade.

— Sim senhor! Foi em Janeiro... Queria, então, que escrevesse uma carta para Lisboa. Disseram-me que só Lisboa é «q'arresolve»...

Não perdemos tempo. Foi logo. Não falámos nas lágrimas que escurriam pela face do pobre homem. E foi pena! Quem dera a carta fôsse pelo seu punho — e tingida pelas suas lágrimas. Tão espontâneas, tão doridas! Teria mais força. Seria melhor testemunho — junto dos responsáveis — que um papel dactilografado, ainda que a procurar ser intérprete do quadro que por nossos olhos trespassou. E trespassa.

Vamos ver se os Pobres ganham a batalha... E caso não, porque as burocracias, as leis — tantas vezes! — são interpretadas e aplicadas vagarosamente, mais à letra que ao espírito que as enforma (dizem os entendidos que a reforma administrativa só atinge eficácia com simultânea, melhor seria antecedente, reforma de mentalidades), é mais um espinho cravado no corpo da Nação. Mas confiamos nos homens. E já não é pouco!

+ + +

O QUE RECEBEMOS — Muito pouco. Mais vale pouco que nada. E demos graças a Deus por quantos se lembraram dos nossos Pobres!

Abre um velho amigo de Ovar, com 40\$00 «para a Conferência do velho Júlio. Com esta é que eu não contava! Retribuo com um jovem abraço que cimenta a nossa amizade de sempre.

Mais o remanescente de uma importância para a celebração da Santa Missa «por alma do meu querido filho Rui», da assinante 17740, cuja presença é de uma perseverança exemplar.

E, da Rua Aval de Cima, Porto, uma nota de 20\$00.

Todavia, como esta crónica teve de secar na prateleira, aproveitamos a oportunidade para inserir mais o seguinte:

De Lisboa: «Junto a esta envio... 50\$00 para os Vicentinos pela alma do nosso querido Pai Américo... Desculpem ser pouco, mas só queria ter uma fortuna para vos mandar, assim como a mais; mas do pouquinho — pois vivemos da reforma — ainda se arranja uma migalhinha para de vez em quando a gente refrescar a alma. Desculpem, sim?»

Pai Américo fica exuberante com esta legenda succulenta! É que ele tinha muito interesse pelas almas que partiam, na razão directa da sua, da nossa. É lembrança que perdura...!

E a delicadeza, o desejo, o desprendimento dessa Lisboa?! É lição para todos; para os potentados, para quantos vivam de magras reformas; e, nesta fase do mundo, para quantos a vida sorri, melhor que em anos atrás.

Os costumados 20\$00 de A. F., do Porto. E 50\$00 de Ois da Ribeira, com mais um desejo oportuno: «Que Deus nos ajude sempre a fazer o melhor pelos que mais carecem». Muito bem! Mais uma nota de 50\$00 de velho Amigo das Caldas da Rainha. Basta a caligrafia e sabemos logo de quem se trata! Não profanamos o anonimato. É cem por cento «Gaiato». E cem por cento cristão. E outra nota de 50\$00, de Areeiro — Coimbra. E mais 20\$00 da assinante 19816, de S. Fagundo. E nova remessa da assinante 17740. Nunca falha! E outra, na mesma — a assinante 17022. Fecha a coluna o assinante 5308 com 50\$00. Não há dúvida, a segunda parte compensou a primeira. E foi uma farturinha de notas de 50\$00! O Senhor ouviu o nosso lamento. E acudiu. Como só Ele pode e sabe. Demos graças a Deus!

Júlio Mendes

Mais um recado

aos assinantes do «Famoso»

A tradicional presença de um grupo de seminaristas — em férias — serviu e servirá para darmos uma grande volta ao ficheiro de «O GAIATO». Por suas mãos avisámos já quase todos os assinantes com notícias em atraso. Tendõ seguido volumosas séries de postais-aviso, por intermédio dos C. T. T..

O correio, por isso mesmo, sendo esta uma época normalmente mais seca — tem sido a transbordar. Para o aviar não há mãos a medir! Graças a Deus.

Entre os correspondentes poucos refilam, Mui poucos! E quando o fazem é por deslizes nossos — do que pedimos desculpa; ou deles próprios — cuja explicação aceitamos. Somos uma Família que passa dos 30.000 assinantes...

Há os que aproveitam a lembrança para rectificar endereços. Alguns, seu próprio nome. Outros, para notificar o pagamento de fiéis amigos, com recomendação de preces à mesa do Altar. Ainda outros — a maior parte — para cantar hossanas à oportunidade do inofensivo postal.

A carta que aí vai fala melhor do que nós. Serve como

Paço de Sousa

Telescola — Como é do conhecimento de alguns dos nossos leitores, temos um posto de recepção de Telescola. No primeiro ano eram 15 rapazes nossos e 10 da freguesia. Todos se portaram razoavelmente e só um apanhou a «raposa».

Frequentaram o 2.º ano 10 nossos e 15 da freguesia. Dos nossos, só 4 foram excluídos. Os outros agarraram-se com unhas e dentes.

No próximo ano lectivo, outros se hão-de valorizar com esta esplendida oportunidade.

Estudantes do Lar — Frequentam o Liceu e Escolas Técnicas. Todos passaram sem «raposas», e isso é que é bom!

Também no próximo ano lectivo novos recrutas irão para o Lar. Esperamos que aqueles saibam ajudar estes na medida do possível.

Pedido — Sempre que escrevo, faço pedidos ou lembranças. Mas eu sei que os leitores compreendem as nossas necessidades.

Desta feita, o pedido que vou fazer não serve para nós — que nos sentimos quase adultos; mas temos o direito de fazer feliz qualquer um dos nossos irmãos mais novos. Um deles sonha com carros velozes, enfim, um sonho de crian-

ça! Quer uma trotinete... Mas o que ele quer não deve ser bem isso. O mais certo será talvez um volante com uma alavanca, ou seja manípulo de velocidades. Anda por cá de arco na mão e o motor é mesmo económico. Trabalha a pão e água, como se costuma dizer. O mais engraçado ainda, é que tem a boca por cano de escape!

Portanto, aqui fica o pedido feito por ele mesmo: «Diz aos leitores para fazerem o favor de me oferecer um guiador com um coiso de mudanças...».

Caros leitores: se gostam de ver uma criança feliz — e se estiver ao vosso alcance — satisfaçam, por favor, este pedido.

Praia — Presente em Azurara o quarto turno. Todos esperam pela sua vez pois sabem quanto é bom estar na praia durante quinze dias. É pouco tempo, sim, mas somos uma família numerosa!...

Manuel dos Santos

MIRANDA DO CORVO

Praia — A nossa estadia na Praia de Mira, chegou ao fim, há já alguns dias.

Foi um mês em que todos tivemos algum tempo de férias, descansando assim de um ano de trabalho, e fortificando-nos para enfrentar mais um ano de canseiras, mas também (e porque não?) de alegrias.

Este ano fizemos dois grupos, ao contrário do que vínhamos fazendo, pois era costume dividir a comunidade em 3 grupos, cabendo a cada um, uns tantos dias de férias. Primeiramente estiveram os mais pequeninos.

Tudo correu bem, graças a Deus. Todos que chegaram, vieram contentes, queimados do sol, e vá lá... um tanto mais gorditos.

Oficinas — Também as nossas oficinas de carpintaria e serralharia estiveram um pouco atrapalhadas no que respeita à sua actividade. Agora, porém, tudo está a entrar na ordem, e os nossos amigos mais próximos, podem novamente continuar a colaborar connosco e a receber de nós a nossa colaboração.

Casamento — Chegou a altura de mais um dos nossos constituir o seu lar.

Foi no último sábado que se realizou o enlace matrimonial do Joaquim com a Maria Otília.

Joaquim habitava normalmente o nosso Lar em Coimbra. Estudou na Escola Brotero, no Curso nocturno, tendo ao mesmo tempo o seu emprego diurno. Frequentou o Curso Comercial, desempenhando ao mesmo tempo as funções de chefe do Lar durante vários anos.

Foi mais um que deixou o grande ninho, e voou para, à sombra deste, fundar o seu.

De todos os teus irmãos Gaiatos recebe, pois, um abraço de felicidades e os votos de que Deus encha o teu lar pela vida fora, para que ambos ocupeis um cantinho no Céu.

Francisco José

PRESENÇA DA IGREJA

Cont. da PRIMEIRA página

Desde os tempos apostólicos, em que «na comunidade dos santos tudo era posto em comum e não havia Pobres entre eles», porque todos o eram!, (cf. Act. dos Apóstolos); passando por S. Lourenço que na hora do martírio apresenta os Pobres como o tesouro da Igreja — não há século dos 20 de Cristianismo, que não conheça a sedução da Pobreza-virtude como remédio mais universal e eficaz para debelar os males da pobreza-miséria.

Ora o nosso tempo — tempo da sociedade de consumo, como se ouve dizer a cada passo e em que muitos orgulhos andam por aí desenfreados — é particularmente sensível às virtudes da Pobreza e da Humildade. Daí um estímulo posto à Igreja, que diligencia purificar-Se de muitos acidentes e regressar à simplicidade essencial do Evangelho, à abertura entre os homens, à comunicação de bens.

Tal é o empenho revelado pelo Episcopado espanhol nesta sua Assembleia Plenária: «Queremos todos que a Igreja de Espanha dê testemunho colectivo de Pobreza e de amor aos Pobres; que a nossa vida e os nossos trabalhos apostólicos recebam a sua força do Evangelho e desapareça toda a aparência do poder humano. Queremos identificar-nos com a Pobreza-virtude e lutar contra a pobreza-injustiça e contra os prejuízos morais e materiais que esta gera em grande número de homens».

E, ousadamente, o Arcebispo

de Madrid não esconde: «É necessário que compensem rapidamente os Pobres do tempo perdido e das nossas negligências passadas».

Não devemos por hoje ir mais além. Esperamos voltar a reflectir luz, destas palavras que definem uma atitude e um compromisso de acção do Episcopado espanhol.

Mas ninguém decerto achará descabido lembrarmos aqui Pai Américo, guarda-avanzada na proclamação destas verdades de sempre, tão fundamentais para o mundo dos nossos dias. E dele, que em humildade e respeito, muitas vezes apontou à Igreja «tempo perdido e negligências passadas», retomamos o cântico de amor, de admiração e de esperança:

«A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da História! Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perderam! A Mãe! É por amor d'ela que os Pobres de Paço de Sousa têm hoje a sua casinha; só por Ela. Não haveria dinheiro que comprasse. Não haveria força que obrigasse, nem palavra que convencesse. Nenhum dos que deu, daria terreno; mas para a Igreja todos deram! É ela, a Mãe, que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém.

Nem apostasias, nem deserções, nem fraquezas — nada. Nada lhe toca. Nada a diminui. Ela é a Mãe. Estes homens o disseram. Também aqui se canoniza...»

Estive fora de Casa três semanas. Uma a fazer retiro. Duas em férias. Só após este interregno soube apreciar o valor e o sabor de uma paragem. A vida é extraordinariamente agitada e sedutora. Sem quererem nem darmos por isso, somos levados na corrente. É um mal que traz consigo muitos males.

O retiro foi um curso do Mundo Melhor. Que quero eu senão que o mundo seja melhor? Mas?... Que faço eu para que o Mundo seja melhor?!

Não interessa viver de sonhos ou de projectos para que o mundo amanhã seja melhor. Interessa sim, que o mundo de hoje, deste dia, seja melhor. Que eu hoje seja melhor com os meus irmãos, para que eles sejam melhores e gozem o sabor desta melhoria. O sonhar

Setúbal

provoca sedução; o fazer gera alegria e dá segurança.

Não nos ensinou o Senhor a pedir o pão para cada dia?

Não quero viver do sonho de ter amanhã rapazes melhores; quero sim, saborear a realidade de ser melhor para os meus rapazes.

Level comigo para a praia o «Charrua» e o Lemos. Eles andavam cansados. Eu também. Eles fazem boa companhia; eu

faço-lhes boa companhia. Não houve atriros. Houve descanso. Não fomos para longe, não senhor! Não temos dinheiro nem estamos habituados a certos ambientes de descanso. Praias e mar como o de Setúbal onde é que os há?! Água límpida, calma, azul, areia branca, sol quente e meigo, serra discreta a aconchegar-nos como mãe no seu regaço!... Aqui refizemos as nossas forças; reconfortámos o corpo e a alma; e estamos a entrar na vida com uma alma feliz e uma esperança segura. Lemos tomou o leme da chefia da Casa. «Charrua», a chefia do Lar. Até parece que assim entramos no típico de Setúbal onde «quem não pescou, cavou». Leme e charrua!... Só que o Lemos está no campo e o «Charrua» junto ao mar!

Não houve eleições. Haverá. O Chefe maior fora deposto em Junho. Sem constância nem consciência, o chefe destruiu a unidade familiar da nossa Casa. Houve um «golpe de estado». O primeiro na minha vida de padre da rua. Ao chefe foi retirada a autoridade. Foi eu chefe durante um mês. Foi o Jorge mais um mês e agora é o Lemos. O chefe é o homem da autoridade e da consciência. Em Casa tudo é com ele. Toda a confiança da Obra está nele! Se o rapaz não comunga desta realidade vital, destrói a vida da comunidade, perde toda a confiança e estoira com a pessoa do Padre, que em Casa é o Pai.

Padre Telmo

Padre Acllio

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

* * *

Bateram asas como os passarinhos rumo à construção do seu próprio ninho.

Foram:

O Pedro, mecânico e motorista, para Cambambe; o António Afonso, 2.º ano e curso de dactilografia, para Cambambe; o Mendonça, 2.º ano, para o escritório da Somague; o Tavares, curso de Agente Rural, para o Instituto do Algodão na Baixa de Cassanje; o Manuel Fernandes, Curso de Agente Rural, para os Serviços de Agricultura na Cela.

Que Deus os ajude e eles saibam ser sempre honestos e homens de carácter.

Vinde, de vez em quando, retemperar um pouco no aconchego do lar. Nas festas maiores e quando sentirdes sede dum pouco de carinho. O vosso quarto... a lagoa... a velha Bedford... feijoada às segundas-feiras... funjada às quintas...

Ontem chegou o Tavares da Baixa de Cassanje. Já tínhamos saudades. Veio passar uns dias. Entregou-me um dinheirito para comprar um rádio pra casa 3. A música terá mais gosto.

Vai, também, partir o Falcão para o seu estágio de Agente Rural. Anda atarefado com os vincos dos seus pares de calças à boca de sino. Se o estágio fôr a sério, lá se vão as pregas! Queira Deus.

«...Pois bem, o supérfluo de riquezas nem sequer nos dá vantagem; fuja, amados irmãos, fuja dessa doença; não nos mostremos mais ferozes que os mais estúpidos dos animais. Entre eles tudo é comum: a terra, as fontes, os pastos, as montanhas, os bosques; nenhum deles possui nada a mais dos outros; e tu, homem, o mais manso dos animais, tornas-te mais feroz que os animais selvagens; encerras a subsistência de milhares de pobres e, muitas vezes, essa subsistência de vários milhares numa só e mesma casa. E, no entanto, não é só a natureza que nos é comum, mas, com ela, muitas outras coisas ainda: o céu é-nos comum a todos, e o sol, e a lua, e o coro dos astros, e o ar, e o mar, o fogo, a água, a terra, a vida, a morte, o crescimento, a velhice, a doença, a saúde, a necessidade de alimento, a necessidade de vestuário.

«Também as coisas do espírito nos são comuns: a mesma mesa santa, o corpo do Senhor, o sangue venerando, a promessa da realza, o banho da regeneração, a purificação dos pecados, a justiça, a santificação, a redenção, os bens inefáveis, que os olhos não viram,

Aqui LISBOA

Tudo é comum a todos

que os ouvidos não ouviam, que o coração do homem nunca imaginou. Não é, pois, absurdo que nós, que tantos laços comuns reunem — a natureza, a graça, as promessas, as leis, — nos mostremos, no caso da riqueza, excessivamente ávidos, incapazes de conservar a igualdade do direito, mais cruéis que os animais ferozes, e isso quando temos, depois de tão curto prazo, de deixar esses tesouros? E não só deixá-los, mas, por causa deles, comprometer a salvação da nossa alma, pois a morte disso nos separa para nos conduzir aos castigos, aos suplícios eternos. Evitemos tais dores e pratiquemos abundantemente a esmola, porque é essa a rainha das virtudes, que nos dará toda a confiança depois, que nos livrará do castigo e do suplício; ninguém porá obstáculo a quem se apresentar escoltado pela esmola no céu, porque leve é a sua asa, imenso é o seu crédito nos céus; ela avança

até junto do trono real, e conduz sem temor até Deus os seus filhinhos. As vossas orações — diz a Escritura — e as vossas esmolas subiram à presença de Deus, e Ele lembrou-se delas. Quem nos impede de nos elevarmos também a essa altura, e de nos libertarmos dessa importuna avareza, dessas delícias, desse inútil orgulho? Tornemos útil o que era supérfluo; gastemos essas enormes riquezas; confiemo-las à dextra do Juiz que saberá guardá-las, pô-las em segurança, que delas se lembrará no dia do Juízo, para nos ser benevolente e propício. Fôramos cobertos de inumeráveis pecados, e perdoar-nos-ia, justificar-nos-ia. Possamos todos obter esse efeito da misericórdia, pela graça e bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Assim seja.»

S. João Crisóstomo



A visita de um gaiato da velha guarda — o Manuel Pedreiro — juntou, na objectiva, quase toda a nossa comunidade de Lourenço Marques.



Tribuna de Coimbra

cont. da PRIMEIRA página

no bar do moínho velho. Cada um regressou com vontade de ser melhor vendedor e mais consciente mensageiro de uma Obra que Deus quis. Obra que Deus quis para aproveitar valores humanos e divinos que os homens vão desprezando no seu egoísmo de cada dia.

x x x

«O Gaiato» é famoso impertinente. Os que o fazem e os que o vendem não-de ser conscientemente impertinentes e não-de inquietar aqueles que o recebem e que o lêem. É humano.

Os nossos vendedores são portadores e testemunhas de amor. Amor que levam e amor que trazem. Amor que mata a sua fome. Todos os que os recebem por toda a parte; os que os sentam à mesa; os que os beijam com ternura; os que lhes falam com carinho; os que os corrigem com delicadeza; os que lhes dão boleia na estrada; as Empresas de transportes que nunca cansaram de nos transportar; os que têm sempre a cama à espera — para todos foi o nosso prémio e pedimos ao Pai que nos guarde outro prémio no Céu.

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura

É um entusiasmo comunicativo, discreto, sem rufar de tambores. Pequena multidão que sabe o que quer e para onde vai.

São depoimentos salutares. Cada um a seu modo. E todos com a mesma tónica!

Se dias há que melhor seria fôsse Pai Américo de caneta em punho, hoje é um deles. Nem sempre a pobreza do verbo exprime, em profundidade, a riqueza dos factos!...

● VOLTEI-ME PARA A MADEIRA

Abre a coluna um velho amigo da capital:

«Esgotadas as possibilidades de angariação de novos assinantes, aqui à minha roda, voltei-me para a Madeira, onde pessoa amiga conseguiu esta pequenina colheita (quatro novos leitores do Funchal).

«Que isto seja fermento de muito mais.

«Com as minhas orações por vós e pedido de vossas por mim, um grande abraço. J. L.»

Aonde vai o zelo, meu Deus! E como naquele tempo, hoje também: as epístolas dos discípulos **incendiam!** Produzem frutos. São oração actuante. E convidam à reciprocidade. Eis a Força que segura o mundo!

● MAIS 13 NOVOS ASSINANTES

Os caminheiros da **Procissão** levaram — e elevaram — já muito alto o comportamento e o objectivo da caminhada! Tanto que pequenos desalentos ou frustrações são até motivo para um reavivar d'ânimos — ou um crescimento de colheita. Ora vejam:



FESTAS — Quando estas saírem à rua, já Benguela encheu a sala do Monumental. E foi pequena para receber todos os Amigos. Por isso voltamos à mesma casa.

Sentimos, à nossa volta, o carinho do costume. A mesma confiança. Apalpámos o desejo de ajudar.

Aqueles de quem muita gente fugia antes; que considerava perdidos, sem valor — arrastam agora atrás de si as multidões. Maravilha! E mais levam muitos a chorar de arrependimento o seu grande pecado de egoísmo. E apontam o caminho; o caminho do Amor.



TRANSPORTADO NOS AVIOES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE

A hora em que escrevo, estamos a partir para Novo Redondo, ao encontro das gentes de lá. Depois, será o Lobito, no Cine Imperium; e a Catumbela, no dia 27. O Cubal receber-nos-á no dia 2 de Setembro; e a Ganda no dia seguinte, assim o esperamos.

Neste momento, ainda não temos data marcada para Sá da Bandeira. Se algum amigo ou amiga daqueles lados levantasse o dedo a abrir-nos o caminho, que bom seria.

Nova Lisboa? Meteram-se os homens de perneio e não temos o dinheiro que nos pedem para o aluguer da sala. Mas não perdemos as esperanças. É que Silva Porto ficava logo adiante. E temos lá muitos amigos que gostavam de nos ver.

Daremos, depois, mais notícias.

Padre Manuel

Campanha de assinaturas

«Meu amigo: **«Junto o nome e endereço de mais treze novos assinantes; estes também preparados para ficarem na lista dos bons leitores e não só para fazerem número.**

«Confesso que desta vez trabalhei pouco, pois talvez com um pouco de boa vontade conseguisse mais. Estou novamente a precisar de ir pela vossa Casa para receber um banho de caridade, que nos faz esquecer de nós próprios, para nos lembrar mais dos outros.

«Agradecia que não demorassem a remessa dos jornais destes novos assinantes, podendo enviar já o número de meados de Agosto.

«Os meus cumprimentos para todos vós e para si um abraço do vosso amigo do Tramagal.»

Este amigo é viajante de profissão. E do «Famoso» por devoção. Resultado: cada presença é mão cheia de novos leitores!

Aquele seu desabafo, necessidade que diz sentir de novo «banho de caridade», é motor de grandes causas. Carburante para novas descobertas.

Venha até nós, sim. «Nós somos a porta aberta». Venha com os olhos n'Aquele que nos une — «que nos faz esquecer de nós próprios». Porque é Ele — e mais ninguém — que nos faz «lembrar mais dos outros». Ele é que é!

Manuel António passou agora por aqui. É o linotipista-mor; e paginador do «Famoso». Senhor do seu papel, não deixou, porém, de advertir: «Não escreva demais!...» Tem razão. A gente ferve com o calor dos caminheiros!...

● RESUMO DA PROCISSÃO

Agora é Coimbra, com lista de 7, sendo um da Figueira da Foz, outro de Montemor o Velho e o resto da Lusa-Atenas. Porto e Lisboa, grupos de dois, três, quatro e mais! A Póvoa de Varzim, pede um maço de 10 exemplares de cada edição, por intermédio de uma devota pronta a sacudir o bairrismo dos poveiros! Mais gente

de Tomar e Guarda. E Monção: «Quería mandar mais assinantes, mas a falta de saúde e a idade já me não deixam andar»; lamento que termina «com um abraço de muita amizade para todos em geral». Viva a **terceira idade!** Agora, Queluz: «Com muita pena só me é possível enviar duas assinaturas». Delicadeza constante, permanente; de todos, todos! Mais Vizela. E Beja. «Desejo inscrever-me como assinante o mais breve possível». Ora vejam até onde chega o interesse! Mais caras novas de Lousado — Minho. E de Setúbal, que aponta de novo Queluz! Temos Aveiro, com um grupo. E Ílhavo propondo gente de Lisboa. E mais gente fresca de Alcains. E de Amarante, Gaia, Barrancos e Portalegre. «Estas bandas do Alentejo parece que conhecem

pouco a Obra de Pai Américo, o que é uma vergonha para nós, alentejanos. Mas esperemos e trabalhemos pela sua expansão. Desculpem o meu trabalho insignificante, mas creiam que estão sempre no meu coração e nas minhas orações...», — remata uma notícia de Gavião. O meu Alentejo!... Avistamos Tomar. Um postal com quatro deles e outra legenda: «Se algum não pagar, peço que me digam, para que eu o faça por eles». Mais zelo! E mais três de Tortozendo. Anda por lá fogo! E mais quatro de Viana do Alentejo. Vivam os alentejanos! Finalmente, uma presença da Guiné. E outra da Alemanha. Um mundo de terras, um mundo de gente! E vamos prós dois mil...

Júlio Mendes



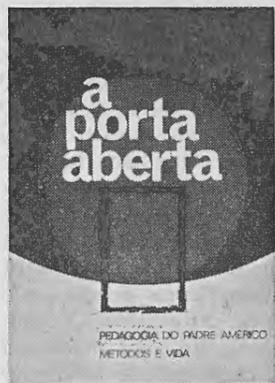
BENGUELA — Lúcio e Nelito e a padiola.

As nossas Edições

Actualmente dispomos dos seguintes volumes, de Pai Américo:

- Pão dos Pobres II e III vol. (2.ª edição)
- Obra da Rua (2.ª edição)
- Ovo de Colombo (2.ª edição)
- Isto é a Casa do Gaiato - I vol. (2.ª edição - NO PRELO)

● A Porta Aberta



Um excerto do Prefácio:

«A presente obra representa da parte da sua Autora (D. Maria Palmira Duarte) um esforço paciente, apaixonadamente teimoso; e, como se fora pouco, deliberada e escrupulosamente humilde, porquanto ela não quis senão prestar serviço aos dons inúmeros que em Pai Américo a seduziram; e, por esta tentativa de arrumação, prestar serviço a todos os que se debruçam sobre problemas de Pedagogia em busca de uma solução divina.

«É a primeira publicação de fôlego que se nos oferece sobre Pai Américo-pedagogo, este «SOMOS A PORTA ABERTA»...»

Pedidos à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA